

OS BLOGS ENQUANTO ESPAÇOS DE (RE)TERRITORIALIZAÇÃO DE IDENTIDADES

RAPHAEL TSAVKKO GARCIA
Universidad de Deusto / Deustuko Unibertsitatea
tsavko@gmail.com

Abstract: Blogs are a locus of tension between global and local, between online and offline, a virtual place where individuals meet, interact, express themselves in a process of (re)territorialisation among the identity fragmentation of post-modernity and the internet itself. This article briefly debates key concepts of cyberculture, space-time compression, identity fragmentation, among others, in order to understand the role of a (re)territorialisation and (re)signification virtual space or settlement through sharing, *linkania* and the formation of strong ties among individuals forming virtual communities.

Keywords: virtual communities, Internet, blogs, identity fragmentation, territorialisation.

A INTERNET

A internet se configura como um ambiente ou *locus* onde compartilhamos e nos re-significamos enquanto indivíduos. O ciberespaço pode ser encarado como um mundo, um espaço e um lugar (Scolari 2009) onde ocorrem relações sociais e formam-se laços sociais em um espaço re-significado.

O objetivo principal do presente capítulo é o de analisar a internet como um ambiente de fragmentação identitária e desterritorialização causada pela globalização e situando-a como um ambiente onde somos diretamente influenciados pela chamada compressão espaço-tempo; e apresentá-la como um campo singular de re-significação, e relacionamento que vem de encontro com o individualismo dos últimos tempos, face à crescente necessidade de compartilhamento.

A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos (Castells 2003: 287).

A Internet é mais que uma simples tecnologia, é um meio de comunicação, de relação, de interação, por meio do qual se estrutura essa forma organizativa de nossas socieda-

des e nossas relações sociais, dando a elas novos sentidos e significados que são apropriados pelos indivíduos e, então, modificados, reconstruídos e redefinidos. Através da citação de Castells pode-se concluir que existe uma cibercultura bem definida, entendida como a ação social no ciberespaço, ou seja, há uma re-significação do ciberespaço, resultado da ação de indivíduos, que forma uma cibercultura específica.

Embora a sociedade esteja conectada mundialmente via rede de computadores, o indivíduo ainda sente necessidade de se integrar a grupos com os quais tenha alguma identificação; de interagir para viver em sociedade através, por exemplo, da formação de comunidades virtuais como uma estratégia do indivíduo inserido em uma sociedade em rede de se fazer reconhecer por meio de uma ou várias identidades (Corrêa 2005).

Ainda segundo Corrêa (2005), o modo de atribuição dessa(s) identidade(s) é fundamentalmente uma escolha pessoal e eletiva, sendo esta a principal diferença do modelo tradicional de atribuição de características identitárias, como, segundo a autora, as identidades culturais e nacionais, resultado de processo de imposição.

A busca por uma nova ou novas identidades, através das comunidades virtuais e das redes de comunicação, são nada mais que reflexos da globalização e do fenômeno da pós-modernidade que vai de encontro com a ideia clássica de sociedade bem delimitada, causando então um enfraquecimento e fragmentação da identidade nacional (Hall 2001) que é logo re-significada ao se adotar uma nova identidade – tanto subjetiva quanto objetiva – micronacional.

A globalização atrela-se o fenômeno conhecido como desterritorialização (Ortiz 1999, Haesbaert 2004, Appadurai 1990) das relações culturais através da ampliação da identidade individual em uma identidade coletiva e que não respeita barreiras nacionais e não precisa de um território para se fixar. Esta identidade coletiva é o reflexo da busca dos indivíduos por uma identidade baseada em interesses comuns, por características não-impostas ao indivíduo pelo Estado-nacional e que foram fragmentadas.

Os indivíduos vão à internet em busca de quem a ele seja semelhante e encontra no micronacionalismo um campo fértil de re-significação ou reterritorialização (Appadurai 1990, 1997; Haesbaert 2004) de sua identidade individual. Segundo Appadurai (1990) e Haesbaert (2004), toda desterritorialização gera novas formas de reterritorialização e o micronaci-

onalismo nada mais é que uma manifestação deste fenômeno. Na internet os indivíduos buscam formar sociedade, ou melhor, socialidade (Maffesoli 1996) por sentir cada vez mais a necessidade de se envolver com pessoas que compartilhem algo em comum em um período de desterritorialização (Ortiz 1999, Haesbaert 2002, 2004) e fragmentação.

A aparente fragmentação identitária dos indivíduos se coloca frente à reterritorialização trazida pela rede e pela unificação virtual de comunidades em um único ambiente ou em um única rede forte ou *clusters* mais ou menos interligados

Para Haesbaert (2002), o território não é apenas algo físico, mas também compreende uma dimensão política e especialmente cultural, ou seja, aquele marcado por suas identidades. As concepções culturais e políticas são de difícil delimitação, por vezes possuem fronteiras fluidas, e no caso aqui estudado, a concepção cultural do território mostra-se mutável e ampla, passando por blogs que podem ter vida efêmera, até comunidades virtuais diversas.

Por Socialidade, entendemos um processo de tribalização onde o conjunto de práticas cotidianas escapa do controle social rígido do Estado e da sociedade onde o “presente” é o tempo principal.

Por fragmentação identitária compreendemos a busca por uma nova ou novas identidades – ou mesmo pelo reforço ou re-encontro com nossa identidade nacional estabelecida –, através das comunidades virtuais e das redes de comunicação, enquanto nada mais que reflexos da globalização que vai de encontro com a ideia clássica de sociedade bem delimitada, causando então um enfraquecimento e fragmentação da identidade nacional (Hall 2001) que é logo resignificada, transformada ou mesmo re-encontrada e reforçada.

Por sociedade clássica e bem delimitada entendemos a Modernidade, definida por Giddens como um “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influencia” (Giddens 1991). A Modernidade é a era do consumismo, da racionalização da vida e do sujeito, do capitalismo e, por fim, da industrialização.

O advento da internet trouxe diversas mudanças para a sociedade. Entre essas mudanças, temos algumas fundamentais. A mais significativa, para este trabalho, é a possibilidade de expressão e socialização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC) (Recuero 2009: 24).

Se por um lado a internet funciona como ambiente propício à desterritorialização, onde se é possível adquirir múltiplas identidades, “ser” diferentes personagens e avatares, por outro é possível notar que indivíduos buscam entrar em contato com aqueles que pensam e se sentem iguais, com indivíduos que por vezes podem ser vizinhos, mas encontram-se na internet para compartilhar sentimentos e ideias, por vezes, relacionadas à cultura local/nacional.

Para Bauman (2004), somos habitantes de um mundo líquido em que mantemos nossas referências comunais, enfim, nossas identidades, em movimento, ou seja, nos mantemos móveis ao tempo em que nos mantemos também unidos, às duras penas. Para ele a identidade é tênue, frágil, e mutável.

Os indivíduos vão à internet em busca de quem a ele seja semelhante e encontra na internet um campo fértil de reterritorialização (Appadurai 1990, 1997; Haesbaert 2004) de sua identidade. Segundo Appadurai (1990) e Haesbaert (2004), toda desterritorialização gera novas formas de reterritorialização e na internet podemos observar nada mais que uma manifestação deste fenômeno, além da formação de comunidades virtuais. Na internet os indivíduos buscam formar sociedade (Maffesoli 1996) por sentir cada vez mais a necessidade de se envolver com pessoas que compartilhem algo em comum.

Se por um lado é possível que indivíduos adotem identidades relacionadas à atividades puramente virtuais, como identidades relacionadas à jogos ou outras atividades, por outro é notável o uso das ferramentas virtuais, das comunidades e do *locus* virtual para a ampliação da percepção de identidade nacional e para o intercâmbio e reprodução da cultura nacional.

Cibercultura é todo artefato ou produto, todo comportamento individual e coletivo, toda ideologia e conceito que resulta da aplicação de novas tecnologias de informação. (Alonso e Arzo 2003: 11).

Fato mais marcante das alterações trazidas pela internet está na alteração na noção de localidade geográfica (Recuero 2009), na expansão das interações sociais por novas vias, diferentes da desterritorialização causada já pelo telefone, pelas cartas e outros meios, pois hoje há uma pulverização da noção de espaço/tempo e imediatismo como não era visto antes. Simplifica-se, muda-se o conceito de lugar, de *locus* na internet ao ponto do “lugar geográfico” perder sentido enquanto as pessoas buscam novas formas de conectar-se e encontrar espaços de interação social.

BLOGS ENQUANTO COMUNIDADES VIRTUAIS E O DESLOCAMENTO FÍSICO

Comunidades virtuais são comunidades simbólicas onde os membros se conectam via trocas simbólicas e não por relações face-a-face. São agregados sociais que surgem da rede e na rede “baseadas em interesses comuns e não em fronteiras ou demarcações territoriais fixas” (Lemos 2002) ainda que no caso basco tenham uma origem que também remonta a própria história e cultura/tradições deste povo.

É preciso notar, no entanto, que nem toda agregação virtual pode ser chamada ou considerada comunitária, para isto é necessário que haja um grau de relacionamento entre os membros em que haja afinidade, compartilhamento de emoções, trocas simbólicas e um sentimento de comunidade, de pertencimento entre os indivíduos. Não basta apenas ler ou linkar um blog, mas sentir-se parte desta rede formada por dezenas/centenas de indivíduos que, por sua vez, são a representação online de uma comunidade ainda maior.

Não se fala de deslocamento físico, mas em interação à distância através das redes onde é possível “estar” em diversos lugares ao mesmo tempo em uma verdadeira “mobilidade virtual”, no que Lemos (2002) chama de “territorialidades simbólicas”, ou seja, a formação de coletivos, de comunidades, um lócus de interação social integrado ainda que os indivíduos se vivam em cidades ou até países diferentes. É possível hoje não só contatar, mas também agir sobre territórios totalmente distintos do nosso sem que precisemos nos locomover fisicamente (Haesbaert 2004), criando assim a ideia de multiterritorialidade e “territórios-rede”.

Formam-se territórios-rede em que inexistente a distância territorial entre indivíduos e é possível compartilhar cultura e histórias sem impedimentos territoriais, mas tão somente pelo compartilhamento virtual e interações online.

Os blogs, com seus campos de comentário, suas redes ou “webrings” e intercâmbio de notícias e impressões servem como territórios simbólicos de troca onde as distâncias físicas não impedem a capacidade de compartilhamento e nem na percepção da identidade.

Há, e não seria possível esperar o contrário, porém, uma clara fragmentação identitária em torno deste processo de compartilhamento e da formação de territórios simbólicos ou em rede.

A fragmentação da identidade faz o indivíduo viver em uma outra realidade, sem barreiras espaciais, temporais e geográficas (tão) significativas (Hall 2001). E, ao mesmo tempo, buscar pessoas com as quais possa compartilhar interesses em comum, uma identidade próxima, uma maneira de se relacionar socialmente, que são aproximadas pelas redes de computadores, que eliminam distâncias e criam um mundo virtual e ao mesmo tempo real em sua dimensão. As comunidades virtuais nada mais são que agrupamentos humanos construídos no ambiente virtual (Rheingold 1998). Estas amplificam a realidade em um processo de simultaneidade onde se ligam os espaços físicos e digitais, tornados um só.

A PÓS-MODERNIDADE

A internet se insere na pós-modernidade – compreendida aqui como um fenômeno fragmentário, descontínuo e caótico (Harvey 1993) – como facilitadora de condições ideais para a coexistência, num “espaço impossível”, de um “grande número de mundos possíveis fragmentários”, ou, mais simplesmente, espaços incomensuráveis que são justapostos ou superpostos uns aos outros (Harvey 1993), mas, ao mesmo tempo como um elemento por vezes agregador em meio ao caos pós-moderno, como um ambiente ou plataforma de reterritorialização (Ortiz 1999).

Jameson (2006) considera as novas formas de comunicação como marcos da passagem da modernidade para a pós-modernidade, de uma ordem social produtiva para uma reprodutiva baseada em simulações e simulacros, apagando a distinção entre real e aparência (Featherstone 1995) e é exatamente neste cenário caótico em que podemos enxergar a formação de vínculos entre indivíduos dispersos, propiciados pelos novos meios de comunicação e pela nova situação social em que se encontra o mundo, baseada na reprodutividade e simulação e com trocas instantâneas (compressão espaço-tempo) infinitas.

Ainda como grandes atores, temos a sociedade de consumo e uma conseqüente fase pós-industrial desta – uma predominância do terceiro setor, mutável e inconstante, sempre se movendo de acordo com as novas tecnologias -, os grandes meios de comunicação, reduzindo ou eliminando distâncias, e um recrudescimento ou radicalização do capitalismo agora em

uma fase extremamente agressiva onde inexistem barreiras para sua movimentação e fixação. Vemos hoje o completo domínio da sociedade de consumo onde as novas tecnologias passam a ditar como se dá a produção de bens e serviços.

A rede surge como uma ampliação de nossa percepção de pertencimento, de comunidade (Anderson 2005) em meio à fragmentação e à globalização – compreendida como uma dialética entre o local e o global – em uma sociedade de cultura dinâmica, de uma “nova cidadania”, ligada à velocidade das informações e das relações globais e globalizadas, não mais definidas em termos de fronteiras estatais, jamais uma “simulação do mundo” na visão de Baudrillard quando este defende que o ciberespaço não permite verdadeiras simulações, mas apenas a simulação destas (Baudrillard In Lemos 2002), numa visão pessimista de que temos hoje a mera circulação de informações e não um processo de aproximação e relacionamento entre os diversos indivíduos pelo mundo.

A pós-modernidade, através das redes telemáticas, proporciona um sentimento de compressão espaço-tempo onde o real e digital se confundem, onde há um processo de desterritorialização do sujeito, da cultura e das relações econômicas. Se por um lado a internet pode ser considerada um ambiente desterritorializado, por outro podemos encontrar nela mecanismos ou ambientes de reterritorialização, dentre estes, encontra-se o presente objeto de estudo.

Tal ideia encontra suporte em Lemos (2004) que afirma ser a internet uma maneira de superar fronteiras, fugir dos limites do território, e o espaço físico e buscar novas formas de resignificação, uma nova instância para a integração das pessoas (Ortiz 2004).

FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA E RE-SIGNIFICAÇÃO

A fragmentação da identidade faz o indivíduo viver em uma realidade diferente, sem barreiras espaciais, temporais e geográficas (tão) significativas (Hall 2001). E, ao mesmo tempo, buscar pessoas com as quais possa compartilhar interesses em comum, uma identidade próxima, uma maneira de se relacionar socialmente, que são aproximadas pelas redes de computadores, que eliminam distâncias e criam um mundo virtual e ao mesmo tempo real em sua dimensão. Estas amplificam a realidade em um processo de simultaneidade onde se ligam os espaços físicos e digitais, tornados um só.

É interessante notar que, ao mesmo tempo, a rede fragmenta e agrega, dispersa e reúne, a depender do uso e da profundidade com a qual usamos suas ferramentas ou nos inserimos em sua realidade. Ao mesmo tempo em que permite que se “escape” da identidade/cidadania imposta pelo nascimento, permite que se reforce a mesma, até mesmo ampliando seu alcance. É um *locus* de criação e re-criação, de ação e reação, mas que não se passa incólume.

Ao tempo em que se é bombardeado por informações, em que é exposto à diversidade e a alteridade, o indivíduo busca reafirmar sua identidade nacional como reafirmação de sua origem e de suas raízes. É a resposta à desterritorialização propiciada pela internet, a resposta à necessidade que os homens tem de serem parte de um grupo e a identificação destes com símbolos de sua ancestralidade.

Ao mesmo tempo, os indivíduos encontram na internet um ambiente de re-significação, em que podem se identificar com outros símbolos e signos e mesmo participar de comunidades virtuais com notáveis semelhanças à comunidade imaginada descrita por Anderson.

André Lemos (2002) nos propõe o termo Cibersocialidade, abarcando desde a socialidade maffesoliniana, os processos de tribalização e resignificação social em conjunto com as novas tecnologias do ciberespaço e, a partir deste ponto podemos compreender melhor o processo de formação de laços culturais em uma sociedade fragmentada em um ambiente virtual, um processo de rompimento de barreiras físicas, de abolição do espaço físico e substituição / complementação pelo espaço virtual.

A internet – os blogs e comunidades – propicia a ampliação de nossa percepção de pertencimento, de comunidade (Anderson 2005) em uma sociedade de cultura dinâmica, de uma “nova cidadania”, ligada à velocidade das informações e das relações globais e globalizadas, não mais definidas em termos de fronteiras estatais, jamais uma “simulação do mundo” na visão de Baudrillard quando este defende que o ciberespaço não permite verdadeiras simulações, mas apenas a simulação destas (Baudrillard In Lemos 2002), numa visão pessimista de que temos hoje a mera circulação de informações e não um processo de aproximação e relacionamento entre os diversos indivíduos pelo mundo.

Podemos encarar os blogs como pequenas comunidades virtuais, habitadas por indivíduos que se relacionam através de textos, de comentários e mesmo das trocas e intercâmbios

entre vários blogs e outras comunidades derivadas que escapam do controle estatal, transcendem fronteiras e sobrevivem na formação de uma cibercultura, em nosso estudo, basca.

Devemos, por fim, concordar com Maffesoli (In Lemos 2002) e Jameson (2006) quando estes se opõem à noção que permeou a Modernidade – vindo também em decorrência do anunciado fim das ideologias e da história – de que a sociedade caminha para o individualismo e sim, caminha para a tribalização, para o caminho contrário.

Ao mesmo tempo em que se fortalecem os laços nacionais, os vínculos entre indivíduos que compartilham de símbolos comuns, abrem-se as portas para novas formas de identidade e identificações, em que a imprensa dá lugar (ou convive lado a lado) aos contatos virtuais entre indivíduos e a novas formas de vinculação através da formação de comunidades virtuais.

INDIVIDUALISMO E NACIONALIDADE

Se por um lado muitos se fecham em seus quartos, dando a ideia de que estão isolados da sociedade, individualizados, afastados em uma sociabilidade reduzida pela pós-modernidade, por outros estes mesmos indivíduos acabam aproveitando outras formas de interação (Lipovetsky 2004), estão conectados, através das redes telemáticas, da internet, com milhares, milhões de outros indivíduos, em chats, grupos ou comunidades virtuais.

O imobilismo aparente, o “estar” na casa, se coloca em tensão frente ao nomadismo (Lemos 2002) que a internet propicia, o “estar” na rede. E a contraposição entre o espaço físico, territorial e o espaço virtual, o território virtual dos grupos, chats e comunidades, a combinação de dois modos de vida, o virtual e o presencial (Lipovetsky 2004).

A pós-modernidade nos trouxe novas formas de sociabilidade e sociabilidade não-presencial em clara oposição à noção já gasta de individualismo e de contatos sociais meramente presenciais. A rede permite uma nova forma – ou novas formas – de participação e interferência.

A internet funciona como uma ponte para o compartilhamento, para a socialidade/sociabilidade, trabalha pela tribalização e pela re-significação da identidade do homem. Vai, portanto, de encontro com o individualismo apregoado pelo pós-modernismo. Retomando Lemos (2002), o

“estar” na rede, neste território virtual de possibilidades ilimitadas, vai se contrapor ao “estar” no plano “real”, físico, no isolamento físico; na rede os contatos são ilimitados, as interações e a integração se dá igualmente de maneira ilimitada e irrestrita, logo, coloca-se em cheque o suposto individualismo ou, ao menos, limita este individualismo a apenas uma das esferas de nossa realidade e a um dos inúmeros campos de nossa identidade.

Se por um lado Lipovetsky (2004) fala do hiperconsumismo, por outro enxergamos um consumo claramente voltado ao indivíduo e não mais de massas; hoje vivemos em um período de grande consumo, mas este dirigido a mercados e indivíduos específicos, ou a segmentos específicos.

As caixas de e-mails são lotadas diariamente com propagandas dirigidas especialmente para aquele indivíduo. Ao comprar um produto em algum site passamos a receber diariamente ofertas supostamente direcionadas exclusivamente a nós, com nossos gostos e baseados em nossas escolhas anteriores de produtos, ou seja, entramos em uma época de consumo dirigido, compra-se muito, mas compra-se mais ainda para se diferenciar, para ter o melhor, para ser diferente.

Este individualismo exacerbado faz com que, em certos momentos, o homem caminha no sentido contrário e busque na internet uma ponte para o compartilhamento, onde seus sentidos são ampliados e o individual cede à tribo, ao coletivo.

Esta mudança ou busca por um ambiente coletivo tem por base a necessidade do homem de viver em sociedade (Aristóteles 1998), de buscar uma “socialidade virtual”, de encontrar sua tribo ou um ambiente em que encontre semelhanças [semelhantes] – quando no campo “real” só encontra diferenças – na mesma medida em que é bombardeado por chamados ao individualismo e ao consumo desenfreado.

Em certa medida a violência das grandes cidades e o cercamento completo dos ambientes familiares, os muros e grades colocados entre os indivíduos e a clara dicotomia entre os de fora e os de dentro dos muros (neste ponto as classes sociais possuem um papel altamente relevante) faz com que a internet seja novamente – ou também – uma válvula de escape em busca de contatos com outros indivíduos, contato este impossibilitado pelo medo, violência e etc.

COMUNIDADE IMAGINADA E NACIONALISMO

É possível afirmar que os blogs, objeto de estudo desta pesquisa, agem como um ponto de fixação/encontro das relações sociais virtuais entre indivíduos. Estes blogs formam território virtuais ou simbólicos com memória coletiva, identidade e limites próprios e trocas simbólicas que potencializam a experiência comunitária sendo apenas uma outra dimensão do espaço, inserido em uma ciberexistência (Rheingold 1996).

Esta realidade virtual propicia uma rede de relacionamentos entre pessoas, reproduz relações sociais e produz identidades ao ponto de se tornarem embriões de uma nova forma de se enxergar a identidade nacional através de uma profunda re-significação e de uma forma de pertencimento específica que encontra eco nas Comunidades Imaginadas de Anderson (2005) ou ainda, nos mundos imaginados (Appadurai 2004).

[...] comunidade política imaginada – e imaginada como implícitamente limitada e soberana. Ela é imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunidade (Anderson 2005: 15).

O ser humano busca, portanto, sua comunidade imaginada (Anderson 2005), busca escapar de sua “identidade imposta” ligada à origem e através do lugar de origem (Bourdieu 1998) vinda do Estado-Nação e (re)criar a sua própria em um ambiente virtual, de livre escolha e construindo com o coletivo uma nova identidade livre.

Trata-se de uma identidade livre, pois é possível escapar de amarras locais e se permitir a hibridização através dos contatos entre diferentes comunidades locais e mesmo internacionais em um único ambiente.

Tratam-se, portanto, os blogs, de comunidade imaginada construída não do nada, mas sociologicamente, por meio de relações sociais. Não é um simulacro do que a sociedade deveria ser – utopia – mas uma sociedade em si, em constante processo de construção e com características próprias e únicas.

Podemos ainda ampliar a ideia de Anderson (2005) e tratar dos mundos imaginados (Appadurai 2004), entendendo-os como “os múltiplos universos que são constituídos por

imaginações historicamente situadas de pessoas e de grupos espalhados pelo globo”.

A identidade é algo que se adquire, é formada com o tempo, mas é ao mesmo tempo e paradoxalmente imposta pela sua nacionalidade, pelos costumes de seus vizinhos imediatos.

Um importante fator que diferencia as comunidades virtuais das comunidades tradicionais é a ausência de território, de uma localização geográfica. A existência de uma base territorial fixa não é necessária, embora o ciberespaço apresente-se como um espaço público fundamental para a existência de comunidades virtuais, um território simbólico (Corrêa 2005).

Como afirma Recuero (2001, online, 2002), a comunidade virtual possui fronteiras simbólicas e não concretas em um espaço abstrato, mas delimitado, há um senso de lugar e um lócus virtual, ou seja, é um lugar demarcado no espaço, onde os indivíduos participantes da comunidade encontram-se para estabelecer e manter relações sociais.

Esta delimitação ao espaço abstrato é entendida como uma limitação imaginária, construída por nós mesmos (Recuero 2003, online) e a isto Jones (1997, online) dá o nome de *virtual settlements*, ou assentamentos virtuais, um *locus* abstrato de compartilhamento com fronteiras simbólicas e delimitado, ainda que de alcance amplo.

Levy (2003b: 127) afirma que “uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, de projetos mútuos, em um processo de cooperação ou troca”, e tudo isto independentemente de fronteiras geográficas e instituições.

A criação/reprodução material de manifestações comunitárias, eletrônica ou não, contribuem para facilitar o transporte da consciência para o imaginário, a partir de identificação de símbolos já conhecidos, a fim de virarem sinais, sentimentos. Geralmente se trata de um processo inconsciente, porém voluntário por parte dos aderentes.

O COMPARTILHAMENTO E A COMPRESSÃO ESPAÇO-TEMPO

Virilio (1997, 1999) trata do imediato, da instantaneidade e interatividade que reduz o mundo a quase nada.

Hoje é possível estar em vários lugares e presenciar diversas experiências, ao mesmo tempo, e se manter em

contato com milhares de pessoas como se estivessem na porta de casa, ou mais perto, graças à evolução das tecnologias dos transportes e comunicação instantânea que tende a nos levar a um mundo poluído pelo “dromos” (corrida). Esta opinião é sustentada por Gulia (1999, online) e Wellman (1997, 2000, online) que afirmam que as transformações trazidas pela evolução dos transportes e dos meios de comunicação contribuem para a ampliação das redes sociais ao permitir que laços sociais sejam criados e mantidos mesmo à distância e, em muitos casos, superando o território geográfico.

Lemos (2002) é mais um que corrobora a visão de Virilio de imediatismo e instantaneidade ao afirmar que as novas tecnologias digitais nos permitem escapar do tempo linear e do espaço geográfico. Somos, portanto, transportados para uma realidade baseada na telepresença e do tempo instantâneo (não atemporal) onde temos o virtual controle sobre o espaço e o tempo (Lemos 2002).

A internet promove um “compartilhamento temporal”, pois permite uma aproximação de atos e atores que não precisam estar necessariamente ligados por laços étnicos, culturais e nacionais (Anderson 2005), porém, o sentimento de pertencimento de um grupo a uma coletividade se dá quando ele se conhece e se reconhece como uma comunidade.

Trata-se de se formarem vínculos entre indivíduos, estejam eles num mesmo território – “solo” – ou em territórios diferentes, mas ligados pela internet. Aparentemente há um desaparecimento ou enfraquecimento da diferença entre o tempo local e o tempo global, que deixa de ser algo linear e monolítico, adotando-se o termo *glocal* para caracterizá-lo, ou seja, uma tensão entre o global e o local (Scolari 2009).

É possível “estar” virtualmente em diferentes lugares, se relacionar com diferentes indivíduos e tomar conhecimento de diversas culturas ao mesmo tempo, em uma teia de sobreposições temporais impossível há apenas alguns anos.

Enquanto em uma conversa telefônica há alguns anos era apenas possível, naquele momento, falar com outro indivíduo, hoje através das ferramentas de comunicação virtual é possível conversar com dezenas e até centenas de pessoas em tempo real. Não é mais preciso passar horas em um carro ou avião para se conectar a pessoas de lugares distantes, que passam a ficar há apenas um clique, e todas ao mesmo tempo. Não há uma crise apenas do tempo, mas também do espaço, que passa a ser encarado de forma diferente.

O espaço passa a ser entendido por redes comunicacionais ou pelo emaranhado destas, onde a difusão de informações acaba por reduzir as distâncias e reunir indivíduos dos mais diversos lugares no globo em um único território virtual marcado pela presentificação e interatividade on-line que subverte a percepção espacial e temporal.

CONCLUSÃO: OS BLOGS ENQUANTO “LOCUS” DE RETERRITORIALIZAÇÃO

Blogs, websites pessoais e afins são apropriações individuais do ciberespaço (Recuero 2009) que se constroem diariamente e representam elementos da identidade individual de cada um, ou sua individualidade.

Segundo Recuero, a apropriação destes espaços (perfis de redes sociais, blogs, etc) funcionam como “uma presença do ‘eu’ no ciberespaço, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público”, em outras palavras, fazem às vezes de um *locus* conversacional, onde indivíduos representam a si e formam redes de contato com outros indivíduos que pensam de forma semelhante ou se identificam da mesma maneira.

Os blogs são uma representação online da comunidade imaginada aproximando indivíduos de diferentes realidades e locais a fim de compartilhar histórias e experiências. Eles fazem às vezes de sujeitos, representa aquilo que o autor pensa e como age frente ao coletivo. São ainda territórios identitários onde se debate a identidade, se reproduzem mitos e símbolos e onde há clara relação social e onde o indivíduo se reterritorializa (Monteiro 2009).

Na internet é possível verificar, assim como no ambiente offline, a presença do que fala e do que escuta, ambos com a possibilidade de trocar de lugar e fazer as vezes um do outro.

Um blogueiro que escreve suas percepções e tem a resposta em sua caixa de comentários ou mesmo em outro blog, criando assim uma relação entre indivíduos que, no caso dos bascos, pode representar o mesmo que uma conversa offline em um bar de Bilbao. A presença do “outro”, em oposição ao “eu” está também presente nas interações online onde atores são medidos e conhecidos pelo que escrevem (Recuero 2009).

Em seus blogs, os indivíduos se identificam, linkam páginas de interesse, colocam suas informações, gostos e preferência e, em seus textos, identificam quem são, o seu “eu”, formando redes com outros blogueiros e/ou leitores e se apropi-

ando da rede para expressar suas opiniões e seus sentimentos se tornando um ator social e sendo assim percebido por outros. A internet propicia o surgimento de novos atores e movimentos sociais (globais), exacerba nosso sentimento de pertencimento ao potencializar as trocas e o intercâmbio de conhecimento.

Ao mesmo tempo em que se fala da imensa velocidade ou mesmo instantaneidade da rede, do espaço digital, os blogs servem como ambientes ou locais para uma discussão sobre o passado, para uma reflexão mais demorada, como um repositório de memórias coletivas (online e offline).

Os blogs (re)criam virtualmente “espaços existenciais” (ElHajji, 2011) onde a comunidade pode reconhecer a si mesma e relacionar-se mesmo na ausência física do território enquanto *locus* de re-territorialização.

Então linkania é isso. É a cidadania sem cidades. É desterritorializado. A ação se dá localmente, mas a conexão é global. É o link do amigo, do vizinho. É a dica. É o negócio entre duas empresas de 2 continentes diferentes. É a ajuda que teu primo te dá desde Madri por email. É a discussão que circula na lista pra visitar tal exposição, e o link pra exposição, que imprimem e colocam no mural da creche. Tudo isso é link. É a matéria que um blogueiro comenta e que te faz pensar. É a descoberta valiosa do desempregado que vai a um infocentro e se cadastra em um programa de governo que lhe dará um emprego. E foi o vizinho que disse. Deu a dica, o link (Estraviz in Leão 2004: 81).

O ato de linkar é primordial para a formação de uma rede (social), pois trata-se de ligar e religar, compartilhar e conectar indivíduos dispersos em um mesmo *locus* virtual (seja uma comunidade virtual ou um blog). São ambientes interacionais onde a identidade dos indivíduos é estabelecida e reconhecida pelos demais, onde se pode definir quem são os insiders e os outsiders, onde se pode comunicar em sua própria língua ou usar outras para passar suas ideias e demonstrar características suas que são tributárias da sua identidade.

As redes são formadas através dos links, da interação entre atores que formam laços sociais e vínculos. Esta interação se dá não só por links mas por comentários em outros blogs ou no próprio, por conversas que transbordam até comunidades como Facebook, Orkut e etc., além de conversas via e-mail. Interações mediadas pelo computador formam relações sociais que, por sua vez, formam laços sociais. Estes

laços, que perpassam a ideia de interação social, fruto do relacionamento entre indivíduos no ciberespaço e/ou de um processo de associação (Goffman 1975), tornam – se vínculos, doravante vínculos comunicacionais.

Os laços entre indivíduos de uma rede podem ser caracterizados como fracos ou fortes, onde o segundo tipo de laços denotam uma intimidade, proximidade entre os atores, relações mais constantes e íntimas, ao passo que o primeiro tipo de laços, fracos, denotam trocas mais difusas (Recuero 2009), porém importantes para conectar as diferentes redes sociais de laços mais fortes em um modelo que pode variar o descentralizado ao distribuído, ou seja, sem que haja uma centralização ou um ponto centra específico nas trocas e no relacionamento entre os atores.

Wellman (1997, online) afirma que nem toda rede social na internet é uma comunidade virtual, o que pressupõe relações sociais mais fortes do que as encontradas em grande parte da rede; e o segundo, que “[...] nem toda a associação no ciberespaço é comunitária, existindo, de forma muito extensa, agregações comunitárias e contratuais do tipo societária”.

É preciso, porém, observar que os “laços fortes” presentes na internet não são os mesmos do mundo offline, ou seja, não se trata de laços de parentesco, sangue ou mesmo aqueles criados via relacionamento face-a-face, mas mais fluidos, largos e deslocados ou espalhados geograficamente. Há uma mudança clara na sociabilidade quando da formação de comunidades virtuais em sociedades em rede.

Não há a necessidade de laços fortes baseados em relações face a face para se verificar a existência de uma comunidade imaginada virtual basca, ao mesmo tempo em que não é preciso, enquanto leitor, comentar em blogs para se sentir parte da comunidade que ele representa. Trata-se tão somente de sentir e pertencer através de interesses comuns a um grupo, mesmo que nem todos os membros deste grupo se conheçam ou mantenham conversas frequentes.

Se por um lado os blogs que serão analisados posteriormente possuem autores que, em geral, se conhecem, o mesmo não se verifica em toda a chamada blogosfera basca e nem seria necessário, da mesma forma que nem todos os bascos se conhecem através de relações face a face, porém se identificam como parte de uma mesma comunidade imaginada. É preciso também lembrar que não se pode reduzir as interações sociais ao ambiente virtual, pois em muitos casos esta transborda.

O computador e a internet são meios para manutenção de laços no caso da nação basca, conectando diferentes indivíduos de locais diversos, mas tais laços não se restringem ao ambiente virtual.

REFERÊNCIAS

- B. Anderson (1989), *Nação e Consciência Nacional* (São Paulo: Ática).
- B. Anderson (2003), *Comunidades Imaginadas* (Lisboa: Editora 70).
- A. Appadurai (2001), *Grassroots globalization and the research imagination*, in A. Appadurai, *Globalization* (Durham-London: Duke University Press).
- A. Appadurai (2004), *Dimensões da Globalização* (Lisboa: Teorema).
- A. Appadurai (1990), *Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy*, in Featherstone (Ed.), *Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity* (London: Sage).
- A. Appadurai (1997), *Soberania sem Territorialidade*, in “Revista Novos Estudos CEBRAP”, 49.
- Aristoteles (1998), *Política*, 2ª ed (São Paulo: Martins Fontes).
- J. Baudrillard (2002), *Simulacres et Simulation*, in A. Lemos, *Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea* (Porto Alegre: Sulina).
- Z. Bauman (2004), *Identidade* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar).
- P. Bourdieu (1983), *O Campo Científico*, in R. Ortiz, *Pierre Bourdieu* (São Paulo: Ática, 1983).
- P. Bourdieu (1998), *O Que Falar Quer Dizer: a economia das trocas simbólicas*, (Algés: Difel).
- R. Brubaker (1996), *Nationalism Reframed* (Cambridge: Cambridge University Press).
- H. Buarque De Holanda (1999), *A academia entre o local e o global*, in W.M. Miranda (org.), *Narrativas da Modernidade* (Belo Horizonte: Autêntica).
- R. Caillois (1958/2001), *Man, play and games*, *Champaign* (EUA: University of Illinois Press)
- M. Castells (1999), *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura* (São Paulo: Paz e Terra).
- M. Castells (2008), *O poder da identidade* (São Paulo: Paz e Terra).
- M. Castells (2003), *Internet e sociedade em rede*, in D. Moraes (org.), *Por uma outra Globalização: mídia, mundialização cultural e poder* (Rio de Janeiro: Record).
- M. Castells (2003), *A Galáxia da Internet. Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor).
- M. Castells (1999), *A Sociedade em Rede* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar).
- C.H.W. Corrêa (2005), *Interação social da comunidade científica no ciberespaço: estudo da lista de discussão ABRH – Gestão*, Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Documentação.
- K.W. Deutsch (1966), *Nationalism and social communication: An inquiry into the foundations of nationalism* (Cambridge and London: The MIT Press).
- N. Elias (2000), *Os estabelecidos e os outsiders* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar).
- M. Ellhajji (2011), *Migrações, TICs e comunidades transnacionais: o devir diaspórico na era global*, XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom).
- M. Estraviz (2004), *Linkania e Religare*, in H. Dimantas, *Linkania: A multidão hiperconectada*, in L. Leão (org), *Derivas: cartografias do ciberespaço* (São Paulo: Annablume).
- M. Featherstone (1990), *Global Culture: Nationalism, globalization and modernity* (London: Sage Publications).
- M. Featherstone (1995), *Moderno e pós-moderno: definições e interpretações* (São Paulo: Studio Nobel).
- P.J. Geary (2005), *O mito das nações: A invenção do nacionalismo* (São Paulo: Conrad Editora).



- E. Gellner (1983), *Nations and nationalism* (New York: Cornell University Press).
- E. Gellner (1964), *Thought and Change* (London: Weidenfeld and Nicolson; Chicago: University of Chicago Press).
- A. Giddens (1991), *As Conseqüências da Modernidade* (São Paulo: UNESP).
- A. Giddens (2002), *Modernidade e Identidade* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar).
- E. Goffman (1975), *A representação do Eu na Vida Cotidiana* (Petrópolis: Ed. Vozes).
- A. Gordo, I. Megias (2006), *Jóvenes y cultura* Messenger (Madrid: INJUVE/FAD).
- M.M. Guibernau (1997), *Nacionalismos: O Estado nacional e o nacionalismo no século XX* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar).
- M.M. Guibernau (2009), *La identidad de las naciones* (Barcelona: Editorial Ariel).
- S.P. Guimarães (2008), *Nação, nacionalismo e Estado*, in “Revista Estudos Avançados”, 22 (62) (Instituto de Estudos Avançados USP. São Paulo).
- J. Habermas (2007), *A inclusão do outro: Estudos de teoria política* (São Paulo: Edições Loyola).
- J. Habermas (1984), *Mudança estrutural da esfera pública*. (Tempo Universitário).
- R. Ricúpero (2008), *A resiliência do Estado Nacional diante da globalização*, in “Revista Estudos Avançados”, 22 (62) (Instituto de Estudos Avançados USP. São Paulo).
- R. Haesbaert (2004), *O Mito da Desterritorialização* (Bertrand Brasil).
- R. Haesbaert (2002), *Territórios alternativos* (São Paulo: Contexto).
- S. Hall (2001), *A Identidade Cultural na Pós-modernidade* (Rio de Janeiro: DP&A).
- D. Harvey (1993), *Condição Pós-moderna* (São Paulo: Edições Loyola).
- E.J. Hobsbawm (2004), *Nações e Nacionalismo desde 1870: Programa mito e realidade* (Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 4ª edição).
- E.J. Hobsbawm (2002), *A invenção das tradições* (Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 3ª edição).
- F. Jameson (2006), *Espaço e Imagem: Teorias do pós-moderno e outros ensaios* (Rio de Janeiro: Editora UFRJ).
- Q. Jones (1997), *Virtual-Communities, Virtual Settlements & Cyber-Archaeology: a theoretical outline*, disponível em <http://www.ascusc.org/jcmc/vol3/issue3/jones.html>.
- A. Lemos (2002), *Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea* (Porto Alegre: Sulina).
- A. Lemos (2004), *Cibercidade. As cidades na cibercultura* (Rio de Janeiro: Editora e-papers).
- A. Lemos (2002), *Agregações Eletrônicas ou Comunidades Virtuais? Análise das listas Facom e Cibercultura*, disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/agregacao.htm>.
- A. Lemos (2003), *Comunicação e Pesquisa em Cibercultura*, disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/PesquisaCibercultura.doc>.
- A. Lemos (2006), *Cibercidade*, disponível em: <http://www.mondialisations.org/php/public/art.php?id=22897&lan=PO>
- A. Lemos (2007), *Ciberespaço e Tecnologias Móveis: Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura*, disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/territorio.pdf>.
- P. Levy (2008), *As tecnologias da inteligência* (São Paulo: Editora 34).
- P. Levy (2009), *O que é o virtual?* (São Paulo: Editora 32).
- P. Levy (2003a), *A Inteligência Coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço* (São Paulo: Loyola).
- P. Levy (2003b), *Cibercultura*, (São Paulo: Editora 34).
- G. Lipovetsky (2004), *Metamorfoses da cultura liberal* (Porto Alegre: Sulina).
- M. Maffesoli (1996), *No fundo das aparências* (Petrópolis: Vozes).
- M. Mann (2000), *Estados Nacionais nas Europa e Noutros Continentes: Diversificar, Desenvolver e Não Morrer*, in G. Balakrishnan, *Um Mapa da Questão Nacional* (Contraponto).
- M. McLuhan (1974), *Os meios de comunicação como extensões do homem* (São Paulo: Cultrix).
- M. McLuhan (2011), *O meio é a mensagem* (Ímã Editorial).
- J.E. Menezes (2007), *Rádio e Cidade – Vínculos Sonoros* (São Paulo: Annablume).
- A.J. Monteiro (2009), *Identidades, memórias e perspectivas do movimento de educação escolar indígena*, in M.A. Aguiar (org.), *Educação e Diversidade* (Recife: UFPE).



- P. Oiarzabal e A. Oiarzabal (2005), *Agustin. La identidad vasca em el mundo: Narrativas sobre identidad mas Allá de las fronteras* (Amorebieta: Erroteta).
- R. Ortiz (1999), *Um outro Território. Ensaio sobre a Mundialização* (São Paulo: Olho D'Água).
- R. Ortiz (2004), *Mundialização e Cultura* (São Paulo: Brasiliense).
- H. Pross (1980), *Estructura simbólica del poder* (São Paulo: Editora Gustavo Gili).
- R. Recupero (2009), *Redes sociais na internet* (Porto Alegre: Editora Sulina).
- R. Recupero (2002), *Comunidades Virtuais no IRC: o caso do #Pelotas. Um estudo sobre a Comunicação Mediada por Computador e as Comunidades Virtuais*, dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
- R. Recupero (2001), *Comunidades Virtuais: uma abordagem teórica*, in Seminário Internacional de Comunicação, 5. Porto Alegre: PUCRS, 2001, disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf>.
- R. Recupero (2003), *Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais*, in Revista "404notfound", 1 (31), disponível em http://www.facom.ufrgs.br/ciberpesquisa/404notfound/404_31.htm.
- R. Recupero (2003), *Warblogs: Os Blogs, o jornalismo online e a guerra no Iraque. Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa em Tecnologias da Comunicação e da Informação, XXVI Intercom, Belo Horizonte*.
- E. Renan (2006), *Que es una nación?* (Madrid: Sequitur).
- H. Rheingold (1996), *A comunidade virtual* (Lisboa: Gradiva).
- R. Ricúero (2008), *A resiliência do Estado Nacional diante da globalização*, in "Revista Estudos Avançados", 22 (62), Instituto de Estudos Avançados USP. São Paulo.
- M. Santos (1978), *Por uma Geografia Nova* (São Paulo: Hucitec).
- M. Santos (2002), *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção* (São Paulo: EDUSP).
- C. Scolari (2009), *Hacia una teoría de las hipermediaciones* (Barcelona: Gedisa).
- M. Silva (2002), *A (Ciber)geografia das Cidades Virtuais*, dissertação de Mestrado apresentada no Curso de Mestrado de Geografia, na área de Ordenamento Territorial Regional do Instituto Geociências da Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói.
- M.J. Silveirinha (2010), *Esfera Pública*, in Correia et all. (org.), *Conceito de Comunicação Política* (Covilhã: LabCom Books).
- J. Sinclair (2000), *Televisión, Comunicación Global e Regionalización* (Barcelona: Gedisa Editorial).
- A.D. Smith (1998), *Nationalism and modernity* (London and New York: Routledge).
- H.S.G. Siqueira (2003), *Multiculturalismo: tolerância ou respeito pelo Outro*, in "A Razão". 26/06/2003.
- P. Virilio (2000), *Estratégia da Decepção*; (São Paulo: Estação Liberdade).
- P. Virilio (1997), *Velocidade e Política* (São Paulo: Estação Liberdade).
- P. Virilio (1999), *A Bomba Informática* (São Paulo: Estação Liberdade).
- M. Waters (1990), *Ethnic options: Choosing identity in America* (Berkeley: University of California Press).
- B. Wellman, K. Hampton (2000), *Examining Community in the Digital Neighborhood: Early Results from Canada's Wired suburbs*, in "Digital Cities", 1765, pp. 194-208, disponível em: <http://informatik.unitrier.de/~lei/db/conf/digitalCities/digitalCities2001.html#Hampton W00>.
- B. Wellman, M. Gulia (1999), *Net Surfers don't Ride Alone: Virtual Communities as Communities*, disponível em: <http://informatik.unitrier.de/~lei/db/conf/digitalCities/digitalCities2001.html#Wellman>.
- G. Zubrzycki (2002), *The classical Opposition between Civic and Ethnic Models of Nationhood: Ideology, Empirical Reality and Social Scientific Analysis.*, in "Polish Sociological Review", 3; in Z. Bauman (2004), *Identidade* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar).